



O SEGREDO DO GUERREIRO PACÍFICO

Numa manhã fresca de Outono, já a viver na nova cidade, Danny Morgan contemplava o seu bairro da janela da cozinha. Para trás tinham ficado o jardim familiar e os antigos amigos, e hoje ia ser o primeiro dia de aulas na Eastside School. Estava tão entusiasmado como receoso. Da sala ao lado, a mãe insistiu:

— Acaba de tomar o pequeno-almoço, Danny! O filho do vizinho está quase a chegar para ir contigo para a escola.

Tocaram à porta. Enquanto Danny colocava a chávena na banca da cozinha, a mãe entregou-lhe o saco com o lanche. Tocaram de novo.

— Então, não vais abrir? — perguntou ela, a sorrir.

Na soleira da porta, estava uma rapariga da idade de Danny.

— Chamo-me Joy — apresentou-se.

Danny virou-se para a mãe e murmurou:

— Mãe, disseste que era um rapaz!

— Percebi que disseram Joe — respondeu ela, baixinho. Depois, em voz alta, acrescentou: — Desejo-te um bom dia, querido! Vemo-nos no fim das aulas.

E deu-lhe um grande beijo. Danny corou, esfregou a cara e, voltando-se para Joy, disse, com um suspiro:

— Vamos lá.

Já tinham passado por Baker's Pond, por uma fila de casas velhas e pela linha do caminho-de-ferro quando, de repente, por detrás de um carro estacionado, surgiu Carl Brady, o terror da escola, a impedir-lhes a passagem. Danny tentou desviar-se, mas Carl, mais alto do que ele, arrancou-lhe a mochila, abriu-a e olhou para dentro. Furioso, atirou-a ao chão, espalhando o conteúdo no passeio. Depois, virou-se para Danny e berrou:

— Onde está o dinheiro?

Danny meteu a mão ao bolso e, lentamente, tirou uma nota de cinco dólares. A sua semanada. Carl estendeu a mão. Enquanto Danny tirava a nota amarrotada, uma voz sobressaltou-os.

— Não lha dê, Danny!

Voltaram-se e viram Joy, que se dirigiu a Carl:

— Se me apanhares, podes ficar com o meu dinheiro. Mas és tão lesma que nem sequer consegues apanhar uma constipação! — disse ela ao agressor.

Os dois rapazes ficaram de boca aberta, sem acreditar na coragem de Joy.

— O quê? — murmurou Danny.

— O QUÊ? — berrou Carl.

O matulão ficou vermelho, cerrou os punhos e arremeteu contra Joy. Esta limitou-se a rir, desviou-se dele e correu para a escola. Carl perseguiu-a, mas Joy era demasiado veloz. Danny também foi para a escola. Enquanto procurava a sua sala, tentou saber se Joy estava bem. Por fim, lá encontrou a turma da vizinha. Joy sorriu, saudou-o com a mão e Danny fez outro tanto. Quando regressou ao corredor, viu Carl a olhar para ele fixamente. Por precaução, Danny entrou logo para a sala. Na hora do recreio, encontrou Joy sentada na relva, a tirar o lanche da mochila.

— Obrigado por me teres ajudado — agradeceu.

— Não tens de quê. Deves ter fome. Queres? — respondeu Joy, oferecendo-lhe metade da sua sandes.

Danny aceitou. Enquanto comiam, olhou para o pátio e viu o terror da escola a jogar basquete, sozinho.

— Dantes, ele ainda tinha alguns amigos — disse Joy. — Mas, desde que o pai abandonou a família, e a mãe o deixou com um tio, ou coisa assim, está sempre só. Todos têm medo dele — acrescentou Joy.

— Tu não! — observou Danny.

— Corro mais depressa do que ele — disse Joy, com um sorriso.

— Como aprendeste a correr tão depressa?

— Foi o meu avô que me ensinou.

Danny hesitou um pouco antes de perguntar:

— Achas que ele também me poderá ensinar?

Joy encolheu os ombros.

— Não sei. Pergunta-lhe. Mora ali. — E indicou uma casa velha no outro lado da rua. — É jardineiro e chama-se Diogenes.

Nessa noite, em sonhos, Danny viu-se a ser perseguido numa caverna escura. Assustado, tentou correr, mas mal se podia mover. Era como se pisasse um espesso melaço. Havia uma saída iluminada pela luz do Sol, mas estava bloqueada por um vulto enorme e escuro. Danny sentiu que havia lá mais alguém. Voltou-se e deparou com um ancião de cabelo branco, que lhe estendia a mão.

— Quem és tu? — perguntou Danny.

O velho apenas sorriu. Danny acordou. Já era de manhã.

Nesse dia, conseguiu evitar Carl à hora do recreio. Mas, depois das aulas, viu que ele vinha atrás dele. Atravessou rapidamente a rua, mas o outro rapaz aproximava-se cada vez mais. Cheio de pânico, Danny subiu uns degraus e bateu a uma porta. Foi então que se deu conta de que aquela era a casa do avô de Joy. A porta abriu-se e Danny ficou boquiaberto quando viu o velho do sonho na soleira da porta! O ancião sorriu para Danny e depois para Carl, que tinha ficado à espera, na rua.

— Chamo-me Diogenes e creio que tu és o Danny — disse.

— Como sabe o meu nome?

Em vez de responder, Diogenes entregou-lhe um grande cesto.

— Vou ao quintal colher maçãs. Podes ajudar-me.

Vendo que Carl não arredava pé, Danny acompanhou o velho até ao quintal, que era um lugar seguro. Diogenes subiu a uma escada e pôs-se a colher maçãs vermelhas e apetitosas, passando-as uma a uma a Danny, que as ia pondo no cesto.



— Senhor Diogenes...

— Não me chames “Senhor”. E podes chamar-me Di — interrompeu o velho.

Danny assentiu com a cabeça.

— Está bem. Di, podia ensinar-me a correr como ensinou a Joy?

Diogenes parou, deu uma trincadela numa maçã e atirou outra a Danny.

— Esta árvore tem mais ou menos a tua idade. Tratei dela durante nove anos... Ajudei-a a ser uma macieira sadia e forte. Mas não posso fazer dela uma laranjeira.

— Não percebo — disse Danny.

— Não fui eu que transformei a Joy numa corredora veloz. Ela já tinha esse talento. Eu apenas a ajudei a torná-lo realidade. Tu tens outras capacidades — respondeu Diogenes.

— Mas eu tenho de aprender a correr! Bem viu como aquele rapaz me persegue.

— Compreendo. Contudo, se fugires de um problema, mesmo que te afastes dele por algum tempo, ele vai continuar a perseguir-te. A melhor maneira de escapar a um problema,

meu amigo, é resolvê-lo — disse o avô de Joy, ao mesmo tempo que se sentava na escada e atirava mais maçãs a Danny.

— E como posso resolvê-lo? — perguntou este, enquanto punha a fruta no cesto.

— Quando deixares de ter medo dele, ele deixar-te-á em paz.

— Mas eu tenho medo dele!

Diogenes desceu da escada e explicou:

— O segredo da coragem consiste em comportar-se de forma corajosa, mesmo que não nos sintamos assim.

— E isso é possível? — perguntou Danny, olhando para o chão.

— Já fingiste alguma vez ser outra pessoa?

Danny pensou um pouco e respondeu:

— Fiz uma vez de mágico, numa peça de teatro, na escola.

O avô de Joy pôs-lhe a mão no ombro e fixou-o nos olhos.

— Se podes ser mágico... também podes ser um guerreiro!

— Mas eu não sei como ser um guerreiro! — protestou Danny.

— Houve uma altura em que também não sabias atar os cordões dos sapatos — contrapôs Diogenes.

A seguir, apontou para um ponto na relva e propôs:

— Se fores capaz de dar uma volta a fazer o pino, eu ensino-te a ser um guerreiro.

— Nunca fiz o pino.

— Já supunha. Mesmo assim, tenta — encorajou-o Diogenes.

Inseguro, Danny levantou os braços, atirou-se para a frente sobre as mãos, deu uns pontapés no ar e caiu.

— Eu disse-lhe que não sabia! — queixou-se.

— Tenta outra vez! Mas mantém os braços esticados e a cabeça para trás — disse o velhote com um grande sorriso.

Danny experimentou de novo e voltou a cair. Mas continuou a tentar e, de cada vez que o fazia, saía-se melhor. De repente, admirado, ficou de pé, equilibrado sobre as mãos.

— Consegui!

— Vês? É assim que se aprende a ter coragem, ou outra coisa qualquer. A princípio não é fácil, mas, se continuarmos a insistir, acabamos por conseguir!

Danny passou a ir ter diariamente com Diogenes, tomando todas as precauções para não encontrar Carl pelo caminho. Um dia, enquanto o ajudava no jardim, perguntou:

— Di, como posso enfrentar o Carl? É mais velho e mais forte do



que eu.

Diogenes pareceu reflectir. Depois, entrou na garagem e tirou de lá uma carreta velha.

— Tenho de entregar uma planta em Scenic Hill. És capaz de levar esta carreta até lá acima?

— Claro que sim, Di — respondeu logo Danny.

Mas o que ele não sabia era que Diogenes ia pôr-se dentro dela. Enquanto puxava a carreta pela encosta acima, Danny perguntou, ofegante:

— Não podemos parar um pouco? Isto custa!

— Às vezes, a vida é como a subida de uma encosta íngreme. Outras vezes é como a descida — observou Diogenes.

— Gostaria que tudo fosse a descer — disse o rapaz, ofegando.

— Descer é mais fácil — concordou o avô de Joy. — Mas que movimento é que te faz mais forte?

Danny sorriu.

— Já entendi — disse, no momento em que chegavam ao cimo da colina e ele secava o suor da testa.

Entregaram a planta. Depois, quando ambos se sentaram na carreta, Diogenes comentou:

— Repara que, se não subires, nunca irás desfrutar da descida.

Destravou então a carreta e voaram pela encosta abaixo.

Todos os dias, Danny transportava Diogenes pela encosta acima, para fazer entregas ao domicílio. Doíam-lhe músculos que desconhecia ter, mas sentia-se cada vez mais forte. Uns dias mais tarde, quando Danny se esforçava por puxar Diogenes, uma mulher barafustou com este:

— Devia era ter vergonha, velho preguiçoso!

Danny riu-se tanto que quase deixava escapar a carreta.

No dia seguinte, no jardim de Diogenes, Danny flectiu um músculo novo e cerrou o punho contra a palma da outra mão.

— A ver se o Carl se mete comigo outra vez! Vai-se arrepender bem!

Ao ouvir isto, o avô de Joy franziu a testa. Voltou-se para Danny e desafiou-o:

— Dou-te cinco dólares se conseguires desequilibrar-me.

— A sério? — perguntou Danny.

— A sério! — respondeu Diogenes.

— Vamos a isso! — exclamou Danny.

E atirou-se ao velhote. Um instante depois, estava estendido de costas no chão.

— Como fez isso, Di? — perguntou.

Diogenes demorou um pouco a responder.

— Quando conseguires fazê-lo, ficas a saber. Empurra-me outra vez.

E colocou-se diante de Danny. Este atirou-se de novo ao velhote mas, no último momento, Diogenes desviou-se, agarrou Danny pelo ombro e, com um leve empurrão, atirou-o ao chão. Depois, estendeu a mão para ajudar o rapaz a levantar-se.

— Estás a ficar mais forte, mas haverá sempre alguém mais forte do que tu. Disse-te uma vez que a solução não estava em correr. Ora, também não está em lutar. Se fizeres mal a outra pessoa, isso só fará de ti um agressor. O autêntico guerreiro é o guerreiro pacífico.

— Mas... e se alguém me atacar primeiro?

— Ninguém tem o direito de te fazer mal, Danny, e deves defender-te.

— Mas como posso defender-me sem fazer mal a alguém? — perguntou Danny.

Diogenes apontou para uma pequena árvore dobrada pelo vento e disse:

— Aquela árvore sabe o segredo do guerreiro. Sabe que, se resistir, pode quebrar. Assim, inclina-se diante da força do vento. Nunca oponhas resistência à força dos outros, Danny. Usa-a. Se puxam por ti, anda para diante. Se te empurram, faz força para trás. E lembra-te: se um comboio vier em direcção a ti, sai do caminho! Se actuares sempre assim, a tua vida será mais fácil.

— Está bem, Di. Empurre-me agora! — disse Danny.

Nas semanas que se seguiram, Danny treinou-se a “sair do caminho”. Não era tão fácil como parecia mas, como tinha aprendido o valor do esforço, um dia conseguiu derrubar o amigo Di.

— Danny, acho que ganhaste — disse Diogenes, sorrindo.

Danny deu-lhe um abraço e foi para casa a correr!

No dia seguinte, quando ele e Joy regressavam da escola, viram Carl à espera deles, à sombra de uma árvore. Danny deteve-se por um momento e respirou fundo. Depois, sempre a olhar em frente, continuou a andar. Carl barrou-lhe o caminho.

— Desta vez não te vais esconder atrás de uma rapariga! — ameaçou.

Danny sentiu o coração a bater com violência no peito, mas não parou. “Não corras nem lutes”, recordou mentalmente. Carl hesitou, desconcertado pela segurança que Danny demonstrava, e gritou-lhe:

— Pára aí!

E estendeu a mão para agarrar Danny pelo braço. No momento em que Carl ia agarrá-lo, Danny desviou-se e deu-lhe um pequeno encontrão no ombro. Carl desequilibrou-se, escorregou e caiu ao chão. Levantou-se de um pulo, furioso, e arremeteu de novo. Novamente Danny se esquivou e Carl voltou a cair. Só que, desta vez, não se levantou. Antes ficou sentado no chão, cabisbaixo.

Danny soube, nesse momento, que Carl não voltaria a meter-se com ele. E deu-se conta de uma coisa ainda mais importante: o seu inimigo nunca fora Carl. O seu verdadeiro inimigo tinha sido sempre o medo. Agora que enfrentara o medo e o tinha vencido, a batalha terminara.

Danny dirigiu-se a Carl e estendeu-lhe a mão. Mas este, envergonhado, virou a cara para o lado. Depois, levantou-se e foi embora, triste e derrotado.

No dia seguinte, fazia muito calor à hora do recreio. Danny estava na fila para comprar um refresco quando viu Carl a olhar para as bebidas frescas. Apercebeu-se de que Carl não tinha dinheiro e, quando chegou a sua vez, colocou um dólar no balcão.

— Queria uma limonada para mim, por favor, e outra limonada aqui para o meu amigo — disse, apontando com a cabeça para Carl.

A cara de Carl revelou sentimentos contraditórios. Contudo, o rapaz acabou por pegar no sumo. Ainda fez menção de dizer alguma coisa, mas, como não conseguia encontrar as palavras adequadas, limitou-se a acenar com a cabeça e foi-se embora. Pela primeira vez, Danny compreendeu o quão só ele se devia sentir!

Passado uns dias, Danny viu Carl a encestar bolas na escola. Sozinho, como sempre. Danny aproximou-se dele, respirou fundo e disse:

— Olha que tens realmente um bom gancho. Eu nunca consegui fazer um lançamento assim!

Carl deteve-se e olhou para Danny, como se estivesse a decidir algo importante. Por fim, falou com dificuldade.

— Não é difícil. Só é preciso um pouco de prática. Anda, eu ensino-te.

Quando Joy saiu da aula, viu-os a jogar. Observou-os de longe e depois aproximou-se.

— Posso jogar? — perguntou.

Carl parou de encestar. Lançou-lhe um olhar feroz e não disse nada. Depois, as suas feições suavizaram-se e sorriu.

— Claro. Os amigos do Danny Morgan são meus amigos — respondeu, lançando-lhe a bola.

Nessa noite, em sonhos, Danny viu-se outra vez na caverna escura. O seu amigo Di não estava lá e uma figura sombria bloqueava a saída. Só que, agora, a figura já não era tão grande. Danny não saiu a correr nem lutou. Fez-lhe frente e caminhou para a luz que se via ao fundo do túnel. Ao passar pela figura escura do medo, esta tornou-se transparente, brilhou por um instante e depois desapareceu, porque não há medo que possa enfrentar a coragem e o amor de um guerreiro pacífico.

Danny Morgan acordou a sorrir e viu como as cortinas ondulavam com a brisa fresca da manhã. Lá fora, uma andorinha voava pelo céu. E, pela janela do quarto, entrava a luz do novo dia.



Dan Millman
El secreto del guerrero pacífico
Barcelona: Obelisco, 2002
(Tradução e adaptação)